

BOVINOCULTURA E LITERATURA

Raquel Naveira*

Resumo

O boi é um símbolo universal de capacidade de trabalho, de sacrifício, que vem acompanhando o homem desde os tempos mais remotos. A temática do boi aparece na obra de vários autores brasileiros como Guimarães Rosa, Jorge de Lima, Ferreira Gullar e em escritores sul-mato-grossenses, como Rubens de Aquino e Orlando Antunes Batista. O artista plástico, Humberto Espíndola, utiliza o boi como tema central de seus quadros.

Abstract

The ox is a universal symbol of the capacity for work and sacrifice which has been accompanying man ever since the most remote times. The theme of the ox appears in the work of various Brazilian authors such as Guimarães Rosa, Jorge de Lima, Ferreira Gullar and in writers from Suth Mato Grosso such as Rubens de Aquino and Orlando Antunes Batista. The artist, Humberto Espíndola, uses the ox as the central theme of his paintings.

Key words

Ox - universal symbol; ox as theme in Brazilian literature; fine arts.

* Escritora, professora do Departamento de Letras da Universidade Católica Dom Bosco, mestre em Comunicação e Letras, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

O boi é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício.

Para vários povos antigos o boi era um animal sagrado. Entre os gregos era imolado em rituais religiosos: o termo “hecatombe” designa um sacrifício de cem bois. Conta a lenda que Apolo, deus do sol, tinha bois que foram roubados por Hermes, o mensageiro do Olimpo. Este só conseguiu fazer-se perdoar pelo seu furto ao oferecer a Apolo a lira que inventara, feita da pele e dos nervos de um boi retesados sobre uma carapaça de tartaruga. O sol também tem seus bois, de imaculada brancura e chifres dourados. Os companheiros de Ulisses, famintos, ao comerem carne de boi, apesar da proibição de seu chefe, acabaram por morrer, todos eles, somente Ulisses, o único que se abstivera, escapa à morte.

As primeiras pinturas de nossos ancestrais paleolíticos, estampadas nas paredes silenciosas das cavernas, representam bisões, cavalos, mamutes, javalis e outras criaturas, as caças desejadas pelo homem da Idade da Pedra.

Na caverna de Lascaux, na França, encontra-se um bisão, com o tórax maciço, o denso quarto traseiro e as patas curtas e finas, brandindo um agressivo par de chifres. Uma imagem mágica, de efeito avassalador. A arte pré-histórica já é representativa de todas as expressões artísticas posteriores e o homem elegeu desde sempre o boi como um importante elemento estético.

Mato Grosso do Sul, Estado do Pantanal e a capital, Campo Grande, têm vocação agropastoril. O boi é um símbolo de nossa terra, de nossa economia, de nossa riqueza. É um símbolo de uma sociedade do boi, de uma aristocracia do boi. Faz parte integrante de nossa alma, de nossa mentalidade, do nosso destino. É um ícone de nossa cultura.

Vários autores escreveram sobre fazendas, lugares e pastagens repletas de bois e vacas. Esse é um tema constante na obra de Guimarães Rosa ao descrever o sertão. O conto *O Burrinho Pedrês*, do livro *Sagarana*, é um verdadeiro tratado de raças, tipos e pelagens de boi, como podemos conferir por este trecho:

“E abria os olhos, de vez em quando, para os currais, de todos os tamanhos, em frente ao casarão da fazenda. Dois ou três deles mexiam, de tanto boi. Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebéias dos campos-gerais, do Urucúia, dos tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. Sós e seus de pelagem, com as cores mais achadas e impossíveis: pretos, fuscos, retintos, gateados, baios, vermelhos, rosilhos, barrocos, alaranjados; castanhos tirando a rubros, pitangas com longes pretos; betados, listados, versicolores; turinos, marchetados com polinésias bizarras; tartarugas variegados; araçás estranhos, com estrias concêntricas no pelame – curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro. Como correntes de oceano, movem-se cordões constantes, rodando redemoinhos: sempre um vai-vem, os focinhos babosos apontando e as caudas, que não cessam de espanejar com as vassourinhas”.

O conto *Seqüência*, do livro *Primeiras Estórias*, também de Guimarães Rosa, mostra uma vaquinha vermelha, uma vaquinha pitanga, que viajava na estrada das Tabocas. A vaca conduz um rapaz até a casa de um certo Major Quitério, onde ele se apaixona por uma das filhas do major, *“alta, alva e amável”*. Uma vaca conduzindo o homem ao seu amor, ao seu destino. Assim termina o conto:

“Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Da vaca, ele a ela diria: – É sua. Suas almas se transformavam? E tudo à sazão do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se. E a vaca-vitória, em seus ondas, por seus passos”.

O poeta alagoano, Jorge de Lima, publicou em 1952, o poema denominado *Invenção de Orfeu*, escrito em dez cantos de muitas estâncias, ou poemas de variadas formas. Quase sempre hermético, mas de extraordinária musicalidade. *Invenção de Orfeu* é uma produção ambiciosa, onde o poeta, por vezes claramente nordestino, sugere a

nossa formação étnica e social, em que e misturam vultos da literatura e religiosidade. Trata-se de uma biografia épica. No *Canto Primeiro*, intitulado *Fundação da Ilha*, encontramos o poema de número XV, em que o poeta compara sua mãe a uma vaca. Um poema forte, ousado, onde a natureza materna é comparada ao instinto do animal com sua cria, numa ligação profunda, carnal, quase incestuosa:

A garupa da vaca era palustre e bela,
 Uma penugem havia em seu queixo formoso;
 E na fronte lunada onde ardia uma estrela
 Pairava um pensamento em constante repouso.

Esta a imagem da vaca, a mais pura e singela
 Que do fundo do sonho eu às vezes esposo
 E confunde-se à noite à outra imagem daquela
 Que ama, amamentou e jaz no último pouso.

Escuto-lhe o mugido - era o meu acalanto,
 E seu olhar tão doce inda sinto no meu:
 O seio e o ubre natais irrigam-me em seus veios.

Confundo-os nessa ganga informe que é meu canto:
 Semblante e leite, a vaca e a mulher que me deu
 O leite e a suavidade a manar de dois seios.

O poeta maranhense Ferreira Gullar, em seu livro de poemas *A Luta Corporal*, descreveu o boi como parte integrante da natureza, neste poema em prosa:

“Vai o animal no campo; ele é o campo como o capim, que é o campo se dando para que haja sempre boi e campo; que campo e boi é o boi andar no campo e comer do sempre novo chão. Vai o boi, árvore que muge, retalho da paisagem em caminho. Deita-se o boi e rumina, e olha a erva a crescer em redor de seu corpo, para o seu corpo, que cresce para a erva. Levanta-se o boi, é o campo que se ergue em suas patas para andar sobre o seu dorso. E cada fato é já a fabricação de flores que se erguem do pó dos ossos que a chuva lavar, quando for o tempo”.

Alguns poetas sul-mato-grossenses também elegeram a temática do boi para os seus poemas. O professor Orlando Antunes

Batista escreveu o poema *Noturno do Boi*, evocativo e melancólico, que transcrevo na íntegra:

Sentado no lombo do boi
 Vagarei entre pastos
 Pastagens deste meu Pantanal
 Devagar seguirei o sonho, a poesia
 E a filosofia do boi.

Aquidauana às moscas
 No Domingo: as caminhonetas
 Rumam aos pantanais
 De festa, alegria e suspiros lembrando
 Nomes de bois que nunca retornam
 Jamais.

Rubem de Aquino escreveu este poema de clima surreal, de imagens surpreendentes e absurdas, intitulado *A multidão e a chuva morta*:

O boi saiu da parede
 E andou pelo quarto silente,
 Lambeu a pele da noite
 E o sono profundo do homem.

Muitos bois
 Em todos os quartos da cidade
 Caíram da parede
 E ficaram parados
 Observando o povo adormecido e preocupado.

A cidade acordou...
 Só então a população caiu em si, diante do espelho
 Do toilette: ninguém tinha rosto!
 Enquanto dormiam
 Os bois levaram tudo para um futuro distante
 E deixaram apenas o homem!

O clima surreal lembra um poema clássico de Manuel Bandeira, *Boi Morto*, um poema que serve de referência à relação entre

a poética de Manuel Bandeira e a geração de 45. Quando publicado, num suplemento dominical, esse poema provocou a maior celeuma pelo seu hermetismo. O boi morto seria uma fantasia do homem do futuro, capaz de materializar o monstro do subconsciente. Outra interpretação seria o seu concretismo, sua sincronização com as artes visuais, como se as palavras atuassem como objetos autônomos. Eis o poema:

Boi Morto

Como em turvas águas de enchente,
 Me sinto a meio submergido
 Entre destroços do presente
 Dividido, subdividido,
 Onde rola, enorme, o boi morto.

Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores de paisagem calma,
 Convosco – altas, tão marginais!-
 Fica a alma, a atônita alma,
 Atônita para jamais.
 Que o corpo, esse vai com o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi descomedido,
 Boi espantosamente, boi
 Morto, sem forma ou sentido
 Ou significado. O que foi
 Ninguém sabe. Agora é boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

No importante livro comemorativo do centenário de Campo Grande, intitulado *Campo Grande – 100 anos de construção*, publicado pela Enersul e Matriz Editora, destacamos dois ensaios que falam sobre o boi. O primeiro é o texto *A cidade e o boi*, do advogado e acadêmico, Eduardo Machado Metello, falecido recentemente. Metello escreve sobre a vocação de Campo Grande para a pecuária, seus pastos verdejantes alongando-se nas vizinhanças dos Campos de

Vacaria e pelos solos férteis de Maracaju; sobre o gado criado à larga; sobre os primeiros fazendeiros como o gaúcho Laudelino Barcelos, os pioneiros Antônio Francisco Rodrigues Coelho, Laucídio Coelho, Etalvío Pereira Martins, Elisbério Barbosa, Bernardo Baís, Osvaldo Arantes, Fernando Corrêa da Costa, Dolor de Andrade e outros.

Explica que, no começo, o gado europeu predominou nos campos, depois chegou a era do zebu e do nelore, a raça ideal para o clima dos trópicos.

Metello lembra que no começo do bairro Amambaí, havia um local denominado “Cabeça de Boi” e que nossa cidade, em tempos idos, era acusada de ter uma “mentalidade bovina”, como se o fazendeiro fosse culpado pela falta de escolas e pela ausência de cultura, das artes e do desenvolvimento intelectual.

Metello critica o MST no sentido de que não podem ser desapropriadas fazendas com atividade pecuária. O gado é carne, leite, comida e emprego para milhares de pessoas que, direta ou indiretamente, vivem em função do boi.

O outro ensaio intitula-se *Manifestações Culturais em Campo Grande*, de autoria da professora universitária, Maria Adélia Menegazzo. No tópico referente às Artes Plásticas, Maria Adélia afirma que a Bovinocultura é momento transformador presente na obra do artista plástico Humberto Espíndola, que “*elegeu e anunciou traços de sua realidade mais próxima*”, o boi, como temática de seu trabalho. “*Multiplicando as máscaras do boi, deu conta da diversidade e autonomia inerentes ao processo estético*”.

Humberto Espíndola nasceu em Campo Grande, no dia 04 de abril de 1943, e é o criador da Bovinocultura, utilizando em seu trabalho o boi como símbolo regional e universal.

O catálogo bilíngüe *20 anos de Bovinocultura*, publicado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, durante a presidência da professora Idara Negreiros Duncan Rodrigues, é um registro precioso que relata um pouco da história e da trajetória de Humberto Espíndola.

Há fotos de quadros polêmicos como o “Boi-society”, em tons de cinza e azul, em que um boi traz impressa na cartola a marca do

dinheiro, o “cruzeiro”. Boi que é moeda, poder econômico, sangue. O tema repete-se em “Boi alado nas asas do dinheiro” e no “Glória ao boi nas alturas”.

As cores da bandeira brasileira e a parte traseira do boi aparecem em “Boi-bandeira”. Em “Boi-brasão”, um boi com farda militar, insígnias e patas levantadas denuncia a brutalidade dos tempos de ditadura e opressão, com coragem e realismo que só os artistas possuem.

Em outras telas destacam-se partes do boi, numa metonímia do todo: um chifre-cornucópia, um chifre-lua, um pedaço do couro tingido a brasa.

Curiosas as instalações montadas na Bienal de São Paulo, em 1971. Mistura de chifres, cascas de arroz, crachás, rosetas franzidas e coloridas, criando uma ambiência simbólica entre a festa e o funeral.

Na Bienal de Veneza de 1972, chamaram atenção os couros com a heráldica de sinais estrelados e os arames farpados, que lembram prisão, propriedade, escravidão.

Humberto perenizou sua arte em mármore, granito e pintura nos grandes painéis do Palácio do Governo de Mato Grosso, em Cuiabá e fez a sua leitura muito particular e poética da divisão do Estado nos imensos quadros expostos na Casa da Memória Arnaldo Estêvão de Figueiredo, em Campo Grande, testemunhando assim o seu tempo, imprimindo sua visão artística à história e à política.

É um exercício de beleza e satisfação identificarmos símbolos de nossa identidade misturados aos bois de Humberto Espíndola: um couro tatuado com desenhos dos índios guaicurus, uma roda de carreta, uma flor roxa de camalote, uma pele pintada de onça, um pedaço do manto da Virgem de Caacupê.

Igualmente bela a sensação de encontrarmos os símbolos de outras culturas misturados aos bois de Humberto Espíndola: a egípcia Cleópatra, as colunas gregas, as harpas, o chapéu que recorda Carlitos.

Sim, a beleza em estado cruel e puro está estampada nos trabalhos de Humberto. Beleza que nos perturba e fascina.

No catálogo, depoimentos de críticos de arte como Jayme Maurício, Roberto Pontual e Aline Figueiredo atestam o talento da pintura teatral e trágica desse “sacerdote da catedral do boi”.

A bovinocultura, portanto, imprime a figura do boi nas artes visuais e na literatura. O boi, com sua potência, cava sulcos intelectuais para receber as fecundas chuvas do céu. Sua força permanece através dos séculos, conservadora e invencível.

Bibliografia

BANDEIRA, Manuel. *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio/ MEC, 1971.

BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

Secretaria de Estado de Cultura e Esportes/ENERSUL. *Campo Grande - 100 anos de construção*. Campo Grande-MS: Matriz, 1999.

ESPÍNDOLA, Humberto. *Catálogo – 20 anos de bovinocultura*. Campo Grande-MS: Fundação de Cultura de MS/TV Morena.

GULLAR, Ferreira. *A luta corporal* (poemas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. (Coleção Prestígio)

ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. 31. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana* (contos). Rio de Janeiro José Olympio, 1980.